



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

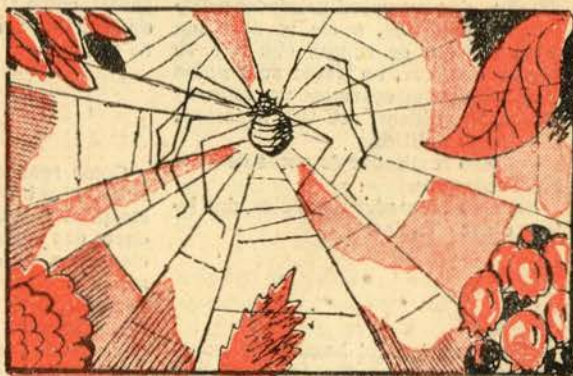
A ARANHA ARTISTA

Por ANÃO SABICHÃO

ESTAVA eu sentado à minha secretária, de péna em punho, magicando na história divertida que havia de escrever no *Pim-Pam-Pum* esta quinta-feira, quando caíu sobre mim, de improviso, uma senhora aranha, pendurada num fio brilhante da sua teia.

Antes que eu voltasse a mim da surpresa, já ela «falazava», desta maneira:

— A aranha pernalta só anda, não salta!
Ninguém faz idéa que trabalho tem,
p'ra fazer a teia,
que lhe fica bem!



Feia qual diacho,
faz essa obra prima,
sempre fio acima,
sempre fio abaixo,
e, quando ela acaba,
gastou tanta baba
já está tão sequinha,
que tem de comer,
p'ra se refazer,
alguma mosquinha!
A nossa inimiga,
a que nos castiga,
e nos dá má hora,
é a tal vassoura,
senhora anafada!
Dá-nos tal pancada,
que nem mesmo a manha,
nos pode livrar!...
Temos de marchar...
e adeus dona aranha!

— «Não é bem completa essa discrição, amiga aranha! Esqueceste, por exemplo que, várias vezes, — além das pobres mosquinhas, — lhes vão parar

(Continua na página 3)



Grandes do Portugal

NOTAS BIOGRAFICAS

Por MANUEL FERREIRA

D. JOÃO V

REI de Portugal, nascido em 1689, reinou de 1706 a 1750, ano em que faleceu. Apesar das suas prodigalidades e desperdícios, a ele se deve um certo número de cousas que não se devem esquecer, ao traçar suas notas biográficas. Começaremos por encarar o «Rei-Magnífico», sob três aspectos:

- Como político.
- Como realizador de obras de interesse colectivo.
- Como animador das artes, das letras e das ciências.

Como político, foi homem de extraordinária energia. Havendo, aí por alturas de 1710, uma séria contenda com os embaixadores das principais potências, acerca de casos relativos à Justiça, ele impôs-se, mantendo, integras, as prerrogativas da corôa. Teve sempre uma grande visão dos negócios públicos e, embora desbaratasse fortu-

nas, realizou, contudo, muitas obras de interesse colectivo. No seu Governo houve estadistas notáveis, como D. Luiz da Cunha, Diogo de Mendonça Corte-Real e Alexandre de Gusmão.

Como realizador de obras de grande vulto, el-rei D. João V reedificou o Hospital da Rainha e edificou o Aqueducto das Aguas Livres. Além de ter elevado a Sé de Lisboa, a Patriarcal, sendo o 1.º patriarca D. Tomaz de Almeida, dividiu Lisboa em duas partes, ocidental e oriental e conseguiu que o rei de Portugal obtivesse o título de «Fidélissimo», considerando assim uma glória, ficar associado à religião católica.

A reedificação do Hospital da Rainha D. Leonor, foi levada a efeito ficando, mais ou menos, com a forma actual. O arquiteto, director dos trabalhos de reconstrução, foi o briga-

deiro Manuel da Maia. Começou em 1747 a demolição da obra antiga e findou-a em 1750. El-rei, que, durante 13 anos sucessivos, havia frequentado os banhos das Caldas, comprou, então, várias propriedades que mandou demolir para alargamento do Hospital, assim como também foi demolida a casa da Câmara.

O Aqueducto das Aguas Livres foi a obra mais importante do seu reinado. Após muitas tentativas, estabeleceram-se vários impostos, e começaram-se as obras em 1731.



A forma do aqueducto, é a de um corredor, com as paredes dos lados de alvenaria. Tem 127 arcos, incluindo os 35 da Ribeira de Alcântara que ocupam a extensão de 3.916 palmos. O maior arco tem 351 palmos de altura e, de vão, 108 pés e 5 polegadas.

As obras compreenderam toda a linha do aqueducto desde a nascente de Caneças e Belas, sendo a sua extensão de mais de 3 léguas. O depósito, nas Amoreiras, foi tão bem construído que no terramoto de 1755, sofreu prejuízos insignificantes. Os arquitetos foram Manuel da Maia e Custódio Vieira.

Os trabalhos duraram 66 anos, gastando-se 5.227 contos, tendo os impostos rendido 6.460. Acabou-se a obra em 1799, tendo-se pôsto, no arco das Amoreiras, a seguinte inscrição, depois alterada:

«No ano de 1747, Reinando o Piedoso, Feliz e Magnanimo Rei D. João V, o Senado e o Povo Lisbonense, à custa do mesmo Povo, e com muita satisfação dele, introduziu na Cidade, as Aguas Livres desejadas pelo espaço de

(Continua na página 7)



SEGUNDA CARTA DO COLÉGIO

Por GRACIETTE BRANCO

MINHA, irmã pequenina:
Já cheguei
ao colégio, outra vez.
Tenho muitas saúdaes de vocês...
tantas, que nem eu sei
nem ninguém imagina!

A praia, o sol, o mar,
as lépidas peixeiras,
as algas a brilhar
sôbre as ondas rasteiras...

O camarão rosado,
(e mais algum marisco,
em breve transformado
em esplêndido petisco...)

A fresca maresia,
o ar alegre e forte
que nos acaricia
pelas praias do Norte!...

...A lembrança consola...
E o alegre bom-dia,
que, da airosa gaiola,
nos dava a cotovia?!...

Faz hoje um ano, eu sei,
que, saúdosa mas lesta,
eu daqui te enviei
uma carta como esta...

Lembras-te? Deves tê-la...
Falava-te do mar,
da praia imensa e bela,
dos peixes a saltar,

da pesca da sardinha
e do nascer da aurora...
Que saúdaes eu tinha
e quantas tenho agora!...

Mas eu sinto vibrar
corágem e juízo.
Hei-de vencer, estudar,
porque assim é preciso.

E tu, querida Lena,
irmãzinha bonita,
vê lá, não tenhas pena,
sou feliz acredita!

Estudo com prazer,
como boa menina,
porque quero saber
o que a ciência ensina.

Verás! Sabe tão bem,
aprender, dia a dia,
tudo o que os livros têm
com gôsto e alegria!

Por isso, não estou só,
estou acompanhada.
Mal me levanto, vou,
já vestida e lavada,

estudar, de manhã,
que é a hora melhor,
— diz a nossa Mamã
e o Senhor Professor...

Adeus. Beijós a rodos.
Responde a esta carta.
Saúdaes para todos
e para ti da

Marta,

A ARANHA ARTISTA — (Continuado da página 1)

ao bucho os próprios araniços, vossos filhos, suas desalmadas! Quando te queixas da morticida vassoura não te lembras do triste fim que vocês dão aos araniços!»

— «Quando a fome aperta, não há outro remédio!» — disse, com ar compungido, a aranha comi-

lona. E bem nos custam, a criar, os nossos filhos mas a fome é negra!...» — suspirou o feio bicho.

— «Conta, então, aí, aos leitorzinhos do *Pim-Pum*, como vêm ao mundo os araniços, mãi desnaturada!»

— «Aí, por meados de Maio, começamos a fazer um tecido branco de neve e é, sôbre ele, que construímos um casulo. Passada uma semana, construímos outro, e assim, sempre com esse intervalo, vamos fazendo cinco ou seis. Em seguida, reúnimos as cabeças, pernas e asas das môscas que matamos, e atamo-las em cima dos casulos. Assim, ficam mais escondidas... Nunca mais largamos os casulos. Mesmo se comemos as môscas, é junto deles. Daí a duas ou três semanas, abrem os ovos nos casulos e

(Continua na página 7)



A criada de Pipipi



❖ Por LAURA CHAVES ❖

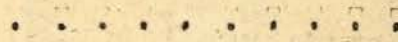
DONA Preguiça Lazeira pôs anúncio no jornal com esta ideia fagueira: justar uma serviçal.

Todo o resto do comer papava-o Dôna Lazeira sem mesmo a cabeça erguer de cima da traveseira.

Tinha um fito, descansar, nada lhe dava cobiça. Detestava trabalhar... Pois se era a própria preguiça! (1)

Assim caminhava a vida e nunca havia um descanso, a criada numa lida, a patrão no ripanço.

e proveito conhecido de inda ser pior que a ama.



Não há o menor engano quando nos diz o rifão: «tem o servô, ao fim dum ano, tôda a manha do patrão.»

(1) — Preguiça, quadrúpede do Brasil.



Mas, certa vez, a ratinha, moída de trabalhar, vendo que estava na espinha pensou também descansar.

Deitou-se, então, a dormir e achando e caminha boa, tratou do exemplo seguir, fez tal qual como a patrão.

Mais tarde, tempo volvido, a criada teve fama

F I M

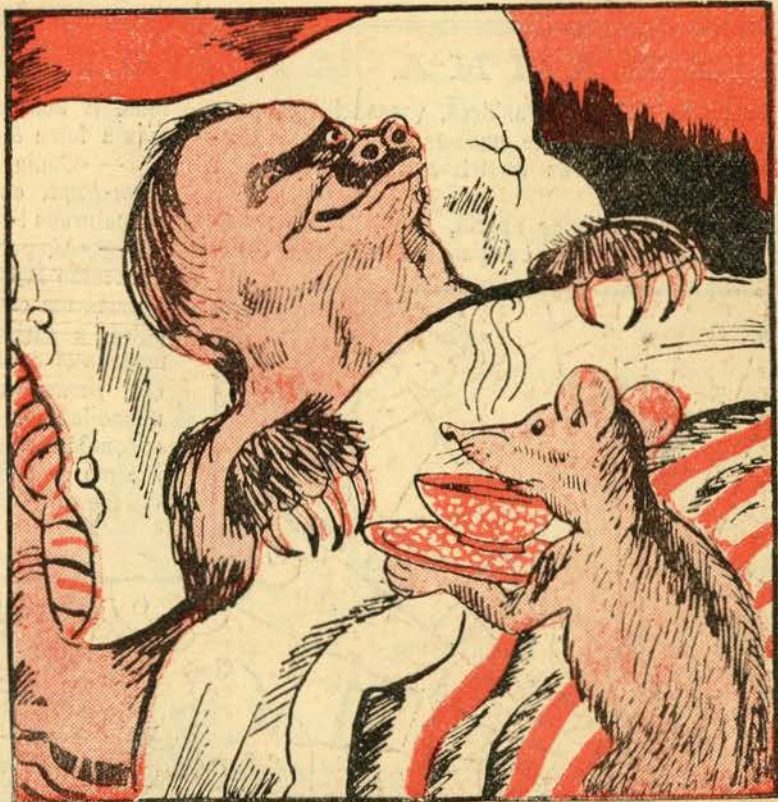
Dias e dias estava sem comer e sem beber, isto tudo ela passava só para se não mexer.

Por isso arranjou criada e, para ser ligeirinha, no trabalho despachada, escolheu uma ratinha.





E que viver tão ralaço a Preguiça então gozou! Nem sequer mais deu um passo desde que a criada entrou!




Logo pela manhazinha, a correr, num alvorôço, ia a criada, a ratinha, levar-lhe o pequeno almôço.


Aconchegava-lhe a roupa, a Preguiça adormecia, depois servia-lhe a sopa por volta do meio dia.









CARTA HIEROGLÍFICA



É  n     



O A   -MA   500 E 100 a,




!!!  -CHO n $\frac{1}{5}$  , Vi 


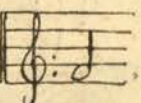
ocu  a  5001 r   ,





tas  **EEE** K  & the  DO




 6  -R **a** K    -A +O  -TA

 -O+A **D**  -AO +A n **DUÇ**   A PORTUGUESA DO ALFABOC ESTE

   -DA  -A 77  **W**

ALTO **VR**  u  **Z** do

   -OTA  -D me **A**  a

EEE eu    **VVVt**  **rapos!**

935 - Américo Teburda

A LENDA DO BICHO-HOMEM

//// Por MANUEL FERREIRA ////

JA de há muito que o leão questionava com a tigre sobre qual seria o rei dos animais: se ele, leão, se o homem.

Nessa quente tarde de estio, à sombra de umas palmeiras verdejantes e junto de um regato, oculto sob uma alfombra suave de verdura, os dois ferozes amigos conversavam animadamente, fazendo tão pouca chifrinha, que um bando de colibris levantou vôo da ramaria das árvores.

— «Pois é verdade, amigo leão! O rei dos animais é o homem — começou o tigre, trocista, lambendo os beiços cobertos de cerdas. E acrescentou:

— O homem, só o homem é que é o rei da criação. Tu, nunca poderás vir a destroná-lo, porque ele é mais forte e poderoso do que tu!»

— «Talvez não seja assim, amigo Tigre — (interrompeu o leão, impaciente, sacudindo o juba amarelada) — Acaso o homem poderá medir-se comigo em força, beleza, valentia e superioridade?»

— «Se pode! — continuou o Tigre, zombeteiro, numa risada escarninha — Deus permita que tu nunca encontres, na tua frente, um homem, porque se ele um dia te vir, aí de ti, leão!»

— «Ora! não me ralo nada com o que me possa acontecer. Mas... olha lá! Onde é que se encontra esse bicho a que tu chamas homem, essa fera tão temível? Dize-me lá, amigo Tigre, e verás que eu, se o encontrar, vou destroná-lo da sua grandeza...»

O tigre sorriu-se, enquanto o leão rugia, furioso, ecoando a sua voz pela floresta. A passadeira procurava um abrigo. Gazelas, zébras e girafas, corriam, desorientadas, em todas as direcções, tremendo convulsivamente.

— «Vais por aquele caminho fora — disse o tigre —. Daqui a alguns quilómetros, encontrarás um povoado, feito por umas cabanas cobertas de palhas e rodeadas de vedações de madeira tósca. Lá está o bicho homem. Fala com ele, se ele te der tempo, e verás se é ele, ou és tu, quem tem direito ao título de rei dos animais. Mas acautela-te, meu velho... Quem te avisa, teu amigo é...»



— «Pois vou, para que vejas que não tenho receio. Sempre quero ver o que vem a ser esse bicho homem...» — concluiu o leão.

Com os passos medidos por entre as árvores altas e levando nos membros uma lassidão diminuída pela caminhada, parando frequentes vezes, dilatando as narinas e pondo-se de atalaia ao mais pequeno rumor que ouvia, as patas algodoadas pisando, vagarosamente, o capim, um não sei quê de indefinível nos olhos amarelos, vivos e investigadores, o leão lá seguiu entre palmares e selvas, em direcção ao povoado, onde encontraria o bicho homem — o rival que ele há tanto desejava conhecer.

Nisto, lépido, astuto, um rapazito preto, atravessou-se-lhe no caminho, sobraçando frutas sumarentas que tinha ido apanhar a uma fazenda próxima. O leão olhou fixamente para ele e o rapaz estacou, impressionado pela fera. Nem sequer pôde esboçar um movimento de fuga. O rei da selva colocara-se na sua frente, altivo, imperioso, sacudindo a juba com donaire. E o animal perguntou, escarninho:

— «Es tu o bicho homem?»

— «Não, senhor leão. Não sou o bicho homem, mas hei-de vir a se-lo, se tu me deixares seguir em paz...» — respondeu, tremendo, o rapazinho.

O leão mal o ouviu. Seguiu o seu caminho, aspirando, a largos haustos, o ar perfumado das matas. E um velho,



Grandes de Portugal

(Continuado da página 2)

dois séculos, e isto por meio de um aturado trabalho durante 20 anos, em arrazar, desfazer e furar outros na redondeza de nove mil passos.»

Animador das artes, letras e ciências, D. João V levou a efeito admiráveis realizações.

Os meus meninos, por certo, tem ouvido falar no convento de Mafra. Em cumprimento de uma promessa, el-rei foi a Mafra escolher o local em 1712, comprou os terrenos em 1713 e aceitou o plano do grande arquiteto alemão João Frederico Ludwig, a obra começou.

A pólvora, com o gasto diário de 400 quilos, rebentava os rochedos à razão de mil tiros por dia, de modo que a primeira pedra foi lançada pelo soberano em 1717, com grande impo-nência, gastando-se, na cerimónia, 200.000 cruzados.

Em 1729 trabalhavam no convento 50.000 operários portugueses. De todos os pontos do país, vinham artistas e materiais que deram ao monumento caracter nacional, pois todos os mármoreiros se extraíram das nossas pedreiras, etc. Da Itália vieram madeiras em prancha, para as janelas e portas. De todos os lados, vinham trabalhadores, médicos, farmaceuticos que custavam por dia 70.000 cruzados e eram mantidos na ordem por 7.000 soldados.

As obras duraram 13 anos, durante os quais morreram 1.338 homens. Mas, finalmente, em Outubro de 1730, oito dias de festas deslumbrantes, inaugu-

raram a basilica, embora as obras só terminassem em 1735. Gastaram-se ao todo 120 milhões de cruzados.

O mosteiro de Mafra ocupa 40.000 metros quadrados, tem 365 celas, e 4500 janelas e portas. Por dentro é, todo êle, um conjunto de belezas.

Do zimbório desfruta-se um panorama admirável. A esquerda, Sintra, encantadora e coroada pelo velho Castelo dos Mouros; um pouco para lá, o mar, onde vogam, por vezes, velazinhas que parecem gaivotas; aqui e além, moinhos de vento, casas ocultas no arvoredo, a vila velha com a igreja gótica. Lá longe, as imediações de Peniche, envoltas quasi sempre numa névoa que parece sair do mar. Rodeando o convento, a admirável tapada.

Outra maravilha que D. João V mandou construir, é a capela de S. João Baptista na igreja de S. Roque. Obra riquissima, levada a efeito em Roma, pelo desenho de Vanvitelli, custou importantes quantias. Ficou concluida em 1744 e foi armada na igreja romana de S. Pedro e sagrada pelo papa Benedicto XIV, que recebeu de presente 100.000 cruzados.

Em 1746 foi toda desarmada e encaixotada para Lisboa, sendo acompanhada por alguns artistas que trabalharam na obra, entre os quais o escultor Alexandre Giusti, que ficou em Portugal. A capela só se colocou em S. Roque em 1751, depois do falecimento de D. João V.

Elevando a capela real a Patriarcal, D. João V não fez mais do que prote-

ger as artes, pelo grande número de músicos e cantores que contractou, E, em 1720, por inspiração de D. Manuel Caetano de Sousa, el-rei fundou a Academia Real de História, destinada a escrever a história eclesiástica, militar e civil de Portugal.

Neste reinado se deu também muita atenção aos estudos científicos. Em 1731 estabeleceu-se no Hospital de Todos os Santos, uma escola de cirurgia. Além de tudo isto, D. João V favoreceu os escritores pobres, auxiliando-os e facilitando-lhes a publicação das suas obras. Reuniu no seu palácio uma riquissima livreria de muitos milhares de volumes. Mandou que o seu enviado à Santa Sé, reunisse uma colecção de tudo quanto pudesse interessar a Portugal. O trabalho apresentado está em 200 volumes.

A Pombal, quando êle era ministro em Inglaterra, ordenou-lhe que reunisse uma colecção de tudo quanto se referisse às línguas.

Sustentou muitos empregados fóra da País, por alguns anos, a fim de aumentar a Bibliotheca.

Protector e académico da Academia dos Arcades, de Roma, mandou vir, desta cidade, músicos e cantores e en-viou lá, em missão de estudo muitos portugueses.

Como os meus meninos vêem, D. João V foi um soberano que bastante engrandeceu a nossa Pátria, tanto pelas suas obras de interesse colectivo como pelo desenvolvimento que deu às artes, às letras e às sciências.

A Aranha Artista—(Continuado da pagina 3)

aparecem uns cincoenta aranhões recém-nascidos.»

— «Como são muitos, vocês tratam de engulir uma data deles? »

— Está muito enganado! Vivemos até muito bem com os nossos meninos, nos primeiros tempos! Assistimos às várias mudanças de pele que, conforme vão crescendo, despem e vestem. Até, nessas ocasiões, ficam tão doentinhos, os pobres aranhões!... »

— «Não venhas para cá com hipocrisias!... Já te puz a calva à mostra... Continua a tua narrativa.»

— «Se, por qualquer motivo, os nossos filhos perdem alguma das suas oito pernas, o caso não tem importância! Na tal mudança de pele, aparece-lhes outra!

Agora, falando noutro assunto, fiquem sabendo, que uma aranha é muito boa dona de casa, quere

dizer, na sua teia arruma muito bem os restos das mósas a um cantinho, para, mais tarde, as ir buscar e põ-las, como já contei, sobre os casulos... »

— «Já disseste bastante e até algumas cousas que não abonam em teu favor. O que tu és, é a rendeira mais perfeita do reino dos animais! A tua teia lindissima, será sempre admirada como uma obra de arte espantosa. Se como mãe, deixas muito a desejar, não há nenhum bicho que te iguale como artista de rara habilidade!»

Montada nas suas oito pernas, a senhora aranha desfez-se em cumprimentos, agradecendo os meus elogios e, para mostrar que eram bem merecidos, toda orgulhosa, fez brilhar, à luz do sol, a rede da da sua teia, com todas as cores deslumbrantes do arco-iris.

andrajoso, e arrimado a um bordão, apareceu na sua frente.

A fera repetiu a pergunta e obteve esta resposta :

— «Não, senhor leão. Não sou o bicho homem, mas já fui quem tu temias.

Como nunca te fiz mal, peço-te que me pagues agora na mesma moeda.»

E o velho lá se arrastou para a sua cubata, vergado ao peso dos anos e dos andrajos.

Ouve-se sussurrar a água nos regatos. A brisa acaricia, nostalgicamente, as árvores. Vozes humanas ecoam em todas as direcções. E enquanto o tigre se ria da temeridade do leão, este entrava no povoado.

Numa palhota, junto de um renque de coqueiros, um preto torcia, á força de marteladas, um ferro em brasa. Vermelho pelo clarão do fogo, o homem deu de cara com a fera. Já ia a fugir, quando o leão lhe perguntou :

— «Final, és tu o bicho-homem? »

— «Sou, sim. O que me queres? Não me faças perder tempo!»

— «Quero saber se tu é que és o rei dos animais — tornou, escarninho, o leão.»

— «Porque te ris? Sou o rei dos animais, sou... » — respondeu o homem, pacientemente.

— «Porque sempre quero ver se tu tens mais força do que eu! Tu, rei da criação. Ah! Ah! que vontade de rir.» — tornou a fera, meneando, orgulhosamente, a juba.

— «Espera um pouco que eu volto já.» — observou o ferreiro.

Pouco depois o homem aparecia com uma espingarda. Ouvia-se uma detonação e a fera, que mal teve tempo para se esconder, fugiu para o mato, com uma orelha deitada abaixo e a juba em desalinho.

E, numa correria, só parou junto do tigre que lhe disse :

— «Então, amigo, já viste o bicho homem? »

— «Tens razão, compadre Tigre. Se me apanhasse em cheio... Calcula tu que êle só com um espirro me pôs neste lindo estado!... »

E lá se retirou para o seu fojo, maldizendo a sua sorte. Claro está que daí em diante nunca mais duvidou de que o homem era o rei dos animais... »

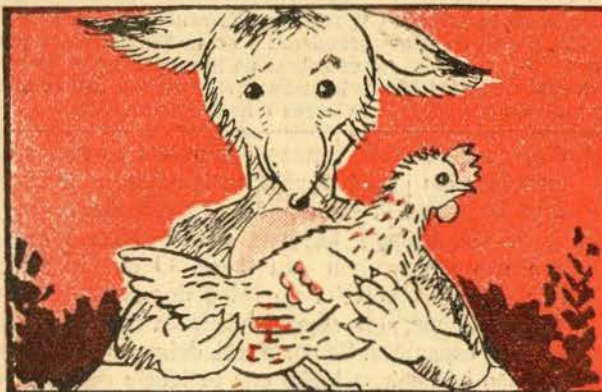
Macaco Fino e a Raposa Matreira



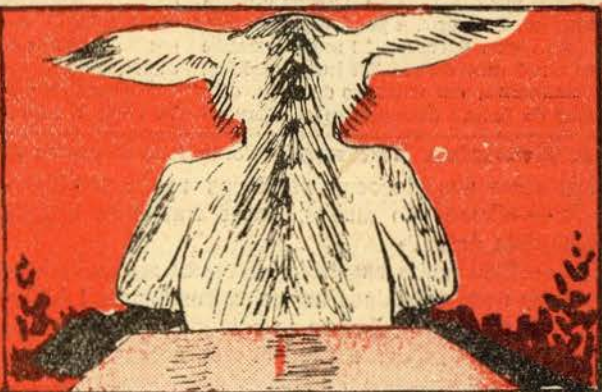
Compadre Macaco Fino, velhaco, esperto, ladino mas às vezes maçador, era, como pouca gente, um prestidigitador excelente.



Uma vez, Dona Raposa perguntou-lhe, curiosa, como é que ele conseguia a maneira habilidosa de sumir, à luz do dia, qualquer coisa.



O macaco erguendo um dedo disse-lhe, apenas: — «Segredo!» Então Dona Rapozinha diz-lhe: — «Eu também sou capaz! Empresta-me uma galinha e verás!»



Meia hora decorrida, surge a galinha pedida. Volta as costas rapozinha mas, ao tornar-se a virar, já se não vê a galinha deu-lhe um ar!



Macaco Fino, intrigado, pergunta muito pasmado: — «como conseguiste tal?!» Responde, então, a matreira explicando-lhe, afinal, a maneira:



«Mas que pergunta indiscreta; foi comendo-a, meu pateta!» — *Leitorzinho pequenino, pessoa bem mais finória surge sempre a quem é fino e eis o conceito da história!*